



SOMBRA, ESCOLA FRESCA E ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL: EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL AGROECOLÓGICA DO COLETIVO CAIPORA, EM SETE LAGOAS, MG

Autores: FERREIRA, Ana Paula¹; MARTINS, Ana Paula Borges²; ARAUJO, Heliene Macedo³; SILVA, Iago Henrique Ferreira⁴; MATRANGOLO, Walter José Rodrigues⁵

RESUMO

Este trabalho está circunscrito no âmbito das ações do Coletivo Caipora de Educação Agroecológica, que vem realizando ações de educação ambiental em duas escolas de Minas Gerais: E. E. Dr. Avelar e E. E. Gov. Juscelino, em Sete Lagoas. O Coletivo Caipora considera o espaço educativo, seja este do ensino básico ou superior, como espaço complexo onde se realizam determinadas relações sociais que têm o potencial de reflexão para promover as mudanças paradigmáticas da sociedade, a partir de práticas emancipatórias, visando a autonomia e o protagonismo dos sujeitos na construção de relações sociais justas e solidárias e da consciência planetária. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo apresentar as experiências realizadas pelo Coletivo Caipora nas Escolas Estaduais, durante o primeiro semestre de 2016. O coletivo atuou nas escolas com a construção de um vivário, contação de história, cine-debate, oficina de alimentação saudável, revitalização de hortas e plantio de árvores.

¹ Graduanda em Engenharia Agrônoma na Universidade Federal de São João Del Rei. Email: fpapaula@yahoo.com.br

² Graduanda em Engenharia Agrônoma na Universidade Federal de São João Del Rei. Email: anapaulaborgesufsj11@hotmail.com

³ Bacharela em Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Lavras, mestranda em Agroecologia e Desenvolvimento Rural na Universidade Federal de São Carlos. Email: hmaengflorestal@gmail.com

⁴ Graduando em Engenharia Agrônoma na Universidade Federal de São João Del Rei. Email: eng.iagohenrique@gmail.com

⁵ Engenheiro Agrônomo, Doutor em Ecologia e Pesquisador da Embrapa Milho e Sorgo. Email: walter.matrangolo@embrapa.br

Palavras-Chave: sustentabilidade; ambiente escolar; educação ecológica.

INTRODUÇÃO

O Coletivo Caipora surgiu da oportunidade de trabalhar educação ambiental no âmbito da agroecologia através da demanda da Escola Estadual Doutor Avelar (EEDA), feita ao Grupo Guayi de Agroecologia. O convite incluiu a construção, de forma colaborativa, de um projeto de educação ambiental dentro do espaço de formação da EEDA. A partir dessa oportunidade, o Grupo Guayi propôs levar a agroecologia para além dos muros da universidade e trabalhar a educação agroecológica com a comunidade do entorno, na prática. A partir da primeira atividade do grupo na EEDA, os membros que demonstraram interesse em continuar as atividades na escola assumiram o protagonismo da atividade, originando assim o Coletivo Caipora (Figura 1).

Nesse processo, o Coletivo Caipora iniciou sua atuação em duas escolas estaduais do município de Sete Lagoas, Minas Gerais, com alunos da educação infantil ao ensino médio. Concomitante às atividades nas escolas, foram firmadas parcerias com três faculdades privadas do município, organizando palestras e rodas de conversa sobre agroecologia e educação ambiental. O Coletivo Caipora atua junto ao Programa EMBRAPA & Escola (<https://www.embrapa.br/embrapa-escola>) e apoia ações promovidas pelo Núcleo de Agroecologia, ambos da EMBRAPA Milho e Sorgo (MDA/CNPq nº 38/2014).

O objetivo principal do Coletivo é trabalhar a educação ambiental de forma convergente com os princípios e diretrizes da agroecologia e contribuir com a criação de um ambiente propício para o despertar da consciência crítica e reflexão sobre as questões sócio ecológicas, bem como favorecer uma reconexão entre o ser humano e a natureza.

O Coletivo Caipora considera os espaços educativos, sejam estes do Ensino Básico ou Superior, como espaços complexos e políticos de ação, onde se realizam determinadas relações sociais que têm o potencial de reflexão para promover as mudanças paradigmáticas da sociedade, a partir de práticas emancipatórias promotoras de autonomia e de protagonismo dos sujeitos na construção de relações sociais justas e solidárias e da consciência planetária. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo apresentar as experiências realizadas pelo Coletivo Caipora na Escola Estadual Dr. Avelar e na Escola Estadual Governador Juscelino, em Sete Lagoas, Minas Gerais, no primeiro semestre de 2016.

2. Descrição e reflexões sobre a experiência

2.1. O sábado letivo na EEDA

A primeira atividade realizada na EEDA, ainda como Grupo Guayi, ocorreu no início de abril de 2016. No denominado “sábado letivo”, diversas atividades envolveram todas as turmas e funcionárias (os). Na fase de planejamento, ocorreram duas reuniões com as/os professoras (es), pedagogas (os) e a diretoria da escola. Na primeira reunião, foram apresentadas as propostas para educação agroecológica elaboradas pelo Grupo Guayi, seguidas da identificação das percepções dos professores sobre elas e das reflexões se estas estavam de acordo com as demandas da escola, segundo a realidade vivenciada no âmbito escolar, com o intuito de englobar todas as faixas etárias nesse processo.

Para a definição das oficinas, os principais objetivos definidos pelo grupo, em conjunto com professoras (es) foram: a necessidade da aproximação das crianças com os ciclos naturais da terra e da ampliação da conscientização dos adolescentes por meio de discussões sobre relações complexas. As oficinas definidas foram: (1) a construção de um vivário (MATRANGOLO et al., 2016) e a contação da história “Que Tatu é esse?” (MATRANGOLO, 2009), seguidas da abordagem da relação das crianças nos centros urbanos e a biodiversidade, tendo o tatuzinho de jardim como componente deste contexto; (2) oficina de alimentação saudável com as plantas alimentícias não convencionais azedinha (*Rumex acetosa* L.), capuchinha (*Tropaeolum majus*), orapronobis (*Pereskia grandiflora*) e beldroega (*Portulaca oleraceae* L.), abordando os princípios da autonomia e o resgate das plantas alimentícias não convencionais; (3) cine-debate com o curta-metragem “Ilha das Flores” (FURTADO, 1989), debatendo a problemática do lixo, a água e a necessidade da compostagem doméstica e escolar, reforçando a importância da ciclagem de nutrientes e (4) revitalização da horta escolar, buscando uma integração maior com os envolvidos e a produção de alimentos de base agroecológica dentro da escola.

Na segunda reunião, a discussão foi além do esperado: os professores apresentaram suas experiências com cada faixa etária e os limites dentro do espaço escolar para a organização das oficinas que estavam sendo propostas, além da possibilidade de a ação do grupo ocorrer dentro do “sábado letivo”. Esta reunião foi importante pela troca de experiência entre integrantes do grupo e professoras (es), destacando-se a reflexão sobre a complexidade do ambiente escolar, o que gerou a necessidade de adequação da metodologia segundo a realidade da escola.

O primeiro “sábado letivo” ocorreu no dia 9 de abril de 2016 e teve duração de cinco horas. As atividades descritas a seguir não foram restritas às oficinas, pois foram incluídas também as atividades organizadas por professoras (es) e alunas (os), dentre elas, atividade física, dança, música e paródias. A primeira oficina promoveu a construção de um vivário (MATRANGOLO et. al, 2016) e a contação da história “Que Tatu é esse?” (MATRANGOLO et. al, 2014). A publicação descreve, de forma lúdica, as relações ecológicas do tatuzinho de jardim e as causas do seu desaparecimento dos centros urbanos. A oficina para criação de vivários cumpriu o papel de estreitar ainda mais os laços das crianças com esse crustáceo terrestre, destacando seu papel na ciclagem de nutrientes.

A metodologia prevê a criação em um microclima favorável à reprodução dos tatuzinhos, utilizando aquário, terra, areia, brita e carvão vegetal. Essa ferramenta de educação agroecológica despertou a atenção e promoveu reflexões complexas sobre a relevância da conservação de ambientes favoráveis ao desenvolvimento de outras formas de vidas. Contribuiu, de maneira indireta, com uma metodologia simples para a complexificação das relações humanas, tratando, por exemplo, os efeitos da urbanização no distanciamento das crianças à biodiversidade, (in) existente dos centros urbanos.

A segunda oficina tratou da alimentação saudável a partir das plantas alimentícias não convencionais (PANCs). Teve início com a montagem de uma mesa com sementes crioulas e PANCs. As crianças, de maneira livre, interagiram com estes elementos, indagando sobre a origem e funcionalidade das sementes e plantas, ao mesmo tempo em que degustavam as PANCs. Em seguida, ocorreu diálogo a respeito do conhecimento prévio das crianças sobre as PANCs. Diversas crianças relataram que conheciam as plantas, já cultivadas em suas casas. No entanto, muitas nunca as haviam provado. Para complementar a experiência das crianças com as PANCs, foram oferecidos sanduíches de azedinha (*Rumex acetosa*) com chá de hibisco (*Hibiscus sabdariffa*). Este momento foi considerado importante no despertar das crianças a respeito da importância do resgate das PANCs, elas adoraram a experiência.

A terceira oficina, realizada na biblioteca da EEDA, foi iniciada com a apresentação da problemática causada pelo lixo como a contaminação da água e dos lençóis freáticos, a destinação a ele dada, e o impacto sobre a fauna e a biodiversidade em geral. No decorrer da atividade, foram apresentadas pelas (os) estudantes possíveis soluções para os problemas: diminuição do consumo, coleta seletiva, restrita a alguns bairros de Sete Lagoas, e a possibilidade da compostagem doméstica e escolar. Por fim, foi exibido o curta-metragem “Ilha das Flores” que aprofunda e estimula a reflexão de maneira lúdica sobre o destino do lixo após deixar a casa de cada um. A compostagem foi o tema que mais chamou a atenção

dos estudantes, pois alguns não sabiam de sua existência, e identificam nessa prática uma possibilidade acessível para eles destinarem os lixos orgânicos.

Foram apresentados aos estudantes, detalhadamente, os processos envolvidos na compostagem, como a montagem da pilha, alimentos permitidos e não permitidos, a função dos microrganismos presentes no esterco, o manejo da pilha, o monitoramento da temperatura e a umidade. Como última atividade, os alunos conheceram um modelo de vermicompostagem caseira, feita de baldes, para tratar os resíduos orgânicos em pequena escala. Esta oficina buscou correlacionar os ciclos naturais da Terra com os artifícios de ciclagem de nutrientes.

Além das oficinas, o Coletivo Caipora propôs um espaço aberto para o caso de maiores interesses e surgimento de dúvidas sobre práticas agroecológicas. Neste espaço, foi utilizada a metodologia da instalação artístico-pedagógica, instrumento que favorece a conexão entre os saberes populares e científicos, e permite a construção efetiva, a partir de uma relação dialógica do conhecimento agroecológico. Foram distribuídas sementes, panfletos e expostas as PANCs e o minhocário.

A quarta oficina, sobre a revitalização da horta, que demandaria mais tempo para ser realizada, foi transferida para outra data após o “sábado letivo”, e seu relato segue no próximo tópico.

2.2. Revitalização da horta e novas possibilidades

Após duas semanas do primeiro “sábado letivo”, ocorreu mais uma atividade na EEDA. Esta aconteceu durante um sábado de “escola aberta”, dando continuidade ao compromisso assumido pelo grupo em iniciar as atividades de revitalização da horta. A “escola aberta” é uma atividade em que a presença de estudantes não é obrigatória. Nesse dia, a escola estava praticamente vazia, com alguns poucos estudantes jogando bola. A atividade na horta chamou a atenção dos presentes, que decidiram ajudar na horta.

Nesse dia foi realizada a limpeza do local, com a retirada de alguns pneus que faziam parte da antiga horta, e feitos o desenho e a construção dos canteiros em forma de mandala, para otimizar o espaço. Algumas mudas foram retiradas da horta antiga e o plantio foi realizado no mesmo dia. A atividade foi toda manual e realizada com escassez de ferramentas e materiais. Alguns vizinhos apoiaram a atividade e emprestaram regadores para que as crianças pudessem molhar os canteiros. Para a adubação do solo, foi utilizado composto orgânico de palha de arroz e esterco bovino, doado por um estudante da UFSJ. A atividade foi

trabalhosa e gratificante, pois criou uma ponte entre os alunos envolvidos e o contato com a terra.

Durante a revitalização da horta, o grupo recebeu a visita da vice-diretora da Escola Estadual Governador Juscelino (EEGJ), curiosa com o trabalho realizado pelo grupo, pois estas atividades já haviam ganhado destaque e as informações sobre o grupo estavam sendo compartilhadas pelos professores que trabalhavam em ambas as escolas. A vice-diretora, após diálogo com membros do Coletivo Caipora, convidou o grupo para realizar um projeto semelhante na EEGJ com a verba de um projeto que havia sido aprovado para elaborar um “espaço verde”.

A participação na revitalização da horta criou um sentimento de identidade dentro do grupo e, diante das novas possibilidades de trabalho, o grupo iniciou um diálogo interno com o objetivo de estabelecer um coletivo mais coeso e determinado a trabalhar a agroecologia na escola pública. Como resultado, seis integrantes do Grupo Guayi iniciaram o Coletivo Caipora de Educação Ambiental. A continuidade das ações do Coletivo Caipora segue agora conciliada com visitas periódicas na EEGJ.

2.3. Sombra e escola fresca na EEGJ

No primeiro contato do coletivo Caipora com a EEGJ, durante a revitalização da horta na EEDA, foi informado que a escola havia passado por um intenso processo de retirada de qualquer elemento que remetesse à natureza, extinguindo, assim, todos os canteiros e jardins, cobrindo-os com concreto. A justificativa foi a necessidade de manter o espaço e as crianças limpas, demonstrando a desconexão existente do ambiente escolar com a consciência ecológica. Ao mesmo tempo, a principal queixa dos alunos e professores era relacionada ao período do verão e aos dias de temperaturas mais elevadas, pois assistir às aulas ficava difícil devido ao calor. Diante disso, a principal demanda da escola era o plantio de árvores e a construção do “espaço verde”.

A partir desse primeiro contato, foi agendada uma visita dos integrantes do Coletivo Caipora à escola para conhecer a história e definir que ações seriam realizadas. O plantio das árvores foi a primeira sugestão, de modo que o concreto precisaria ser quebrado em alguns pontos. Foi informado também que a escola contava com recurso destinado à implantação de espaços verdes, o que foi essencial para início das atividades. Em seguida, ocorreu um diálogo inicial entre as propostas do coletivo e as outras demandas da escola para adequação à realidade.

Nesta conversa participaram duas professoras interessadas em construir uma proposta de ação junto ao Coletivo Caipora. A proposta elaborada teve como sujeitos duas turmas do ensino integral, com idade entre 7 e 10 anos. A ação definida foi voltada para a alimentação saudável, desde a escolha dos alimentos até os métodos de produção sem veneno, juntamente com as crianças. A metodologia escolhida foi a de aprender através da brincadeira. A dinâmica proposta foi composta por cinco etapas, em que participaram as professoras e integrantes do coletivo:

1º etapa - Apresentação: A atividade iniciou-se com um círculo em que uma pessoa apresentava a outra sentada ao lado, respondendo as seguintes perguntas “qual seu nome?” e “qual seu alimento favorito?”.

2º etapa - Vídeo explicativo: Foi exibida a animação “*Comida que alimenta*” (<https://www.youtube.com/watch?v=z6xAkNPV3QI>) que explica a importância da agricultura familiar no fomento à segurança alimentar e sua influência na merenda escolar. Após o vídeo, realizou-se uma conversa, e algumas palavras-chave na condução do diálogo foram levantadas, tais como: alimentos processados, açúcar, agrotóxico, hortas comunitárias, hortas domésticas e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), programa do Governo Federal que fornece a merenda dessa escola. As crianças relataram suas experiências a respeito dos temas. Foi surpreendente o esclarecimento delas a respeito da utilização dos agrotóxicos, ficando evidente que tinham um conhecimento acerca do tema.

3º etapa - Explorando as sensações (tato e olfato): As crianças se sentaram em círculo e com os olhos fechados, sentiram e cheiraram algumas frutas que lhes eram entregues. O intuito da dinâmica foi de explorar, aproximar os sentidos de cada criança com as frutas e incentivar o consumo desses alimentos. Por fim, as crianças identificaram, através dos cheiros e contato, quais frutas haviam sido entregues.

4º etapa - Sentindo os sabores: As crianças foram divididas em cinco grupos, com seis pessoas cada. Com os olhos vendados, elas eram desafiadas a adivinhar pelo sabor, de qual fruta se tratava. A brincadeira foi divertida e, embora algumas crianças que não gostassem muito de determinadas frutas, ao comerem de olhos vendados reconheceram o quão saboroso é um alimento vivo.

5º etapa - Finalização: Encaminhando para o encerramento, a professora informou que as crianças estavam estudando o processo de compostagem e uma, em especial, estava ansiosa para compartilhar seu conhecimento acerca do tema. Ao ser indagado, o aluno relatou para o Coletivo toda a técnica de compostagem que conhecia e ao serem feitas perguntas sobre quais

alimentos poderiam ir para a composteira, definiu o conceito de resíduo orgânico. Isso mostrou o quanto é importante o processo de educação dentro dos princípios agroecológicos e a potencialidade de uma criança em valorizar e ter consigo princípios que permeiam a valorização do meio ambiente, e em assumir responsabilidade para fomentar essas práticas na vida cotidiana.

Para finalizar a dinâmica, ainda em círculo, foi pedido para que cada criança resumisse em uma só palavra o que aquele momento tinha representado. As palavras ditas demonstraram profundidade e proporcionaram aos membros do Coletivo Caipora clareza sobre a importância de os processos educativos acontecerem em um ambiente descontraído a partir de metodologias participativas. Algumas palavras ditas pelas crianças foram: alegria, impactante, saboroso, divertido, maravilhoso, legal e gostoso.

No final da atividade, os integrantes do Coletivo Caipora foram surpreendidos com uma apresentação de teatro e uma coreografia, em que a letra da música e o roteiro do teatro foram escritos e ensaiados pelas próprias crianças. O teatro foi extraordinário, pois além das crianças desenvolverem o lado artístico e criativo, abordaram como temática central a alimentação saudável e as questões nutricionais dos alimentos.

O Coletivo Caipora ficou maravilhado com a apresentação e esse dia foi essencial pois ampliou as perspectivas de ação junto à escola na construção de um ambiente escolar mais dinâmico e transdisciplinar, com autonomia e o protagonismo de alunas e alunos.

2.4. Plantio das árvores na Escola Estadual Governador Juscelino

O plantio de árvores ocorreu durante as férias escolares, em julho de 2016. As covas foram feitas anteriormente, durante a reforma da escola a pedido da vice-diretora, que já almejava o plantio. Foram utilizadas ferramentas como enxada, pá, carrinho de mão e peneira. Tanto as mudas de árvores, frutíferas e ornamentais, quanto o composto orgânico foram adquiridos com o recurso do projeto para implantação de espaços verdes na EEGJ. Foram utilizados vários sacos de terra levados pela vice-diretora. O plantio foi feito de acordo com os conhecimentos e técnicas adquiridos durante a formação dos membros do Coletivo Caipora e com a força de vontade da vice-diretora, que proporcionou todas as condições necessárias para a atividade.

Após o plantio, a repercussão na escola foi muito positiva, trazendo uma nova reflexão sobre a importância dos espaços verdes dentro da escola e como isso afeta diretamente a rotina escolar de alunas (os), professoras (es) e funcionárias (os). No futuro próximo, pretende-se fazer uma atividade de plantio em vasos com os alunos para criar espaços verdes

mesmo em áreas concretadas. Deve-se ressaltar que o plantio de árvores já era um projeto desejado pela escola e que o Coletivo Caipora foi um facilitador deste processo, ressaltando a importância do apoio e o empenho da direção da escola na execução de atividades do coletivo. O apoio financeiro concedido pelo Estado de Minas Gerais para o projeto também foi de fundamental importância para a adquirir os materiais mais custosos dessa atividade.

2.5. Dialogando com professores através da teia na EEGJ

Após a primeira atividade, no início de agosto de 2016, foi organizada uma reunião com todas (os) professoras (es) presentes para apresentação dos eixos temáticos trabalhados pelo Coletivo Caipora. Para essa apresentação, o Coletivo optou em fazer a dinâmica da teia, quando foi demonstrado o quanto o ser humano está interligado entre si e com a natureza. Professoras (es) se apresentaram e relataram o que eles esperavam do Coletivo Caipora em sua atuação dentro da escola. Foi estipulado o tempo de vinte minutos para a dinâmica e, em seguida, expomos os eixos de atuação do Coletivo Caipora. A partir desses eixos, escolhemos os mais apropriados à realidade da escola. Foram propostos seis eixos: teatro ambiental, cine-debate, compostagem, plantio de PANCs e medicinais em vasos, horta/alimentação e oficina de reciclagem de pneus.

A princípio, esperava-se maior foco na elaboração dos eixos com professoras (es). Porém, a dinâmica da teia ocupou um tempo além do estipulado, alterando a proposta inicial sugerida pelo coletivo, quando professoras (es) contextualizaram o que entendiam por educação ambiental. Por fim, na apresentação dos eixos, professoras (es) ficaram livres para se organizarem em torno de cada proposta. Cada grupo teve aproximadamente o mesmo número de professores, porém o eixo do cine-debate inicialmente não teve uma demanda por parte dos professores. Na reconstrução dos eixos, houve interesse por parte de algumas professoras que colaboraram nos planejamentos, orientando-os para as necessidades reais da escola.

Por outro lado, muitos não demonstraram interesse na elaboração compartilhada da proposta de educação ambiental para a escola, impondo vários empecilhos para a realização de algumas propostas de determinados eixos, como por exemplo, o plantio de PANCs e medicinais em vasos, alegando que poderia haver acidentes na implantação de vasos na escola, devendo então manter os alunos afastados deles. Isso fez com que o Coletivo refletisse e reforçasse o papel da educação ambiental. A interação de alunas (os) com esses meios é fundamental para trabalhar o respeito aos espaços.

Com esta experiência o coletivo constatou a necessidade de se trabalhar educação agroecológica não só com alunas (os), mas principalmente com professoras (es), para que os mesmos possam refletir sobre as questões socioambientais, despertando a consciência crítica e a motivação para incluir a participação coletiva no cotidiano escolar.

3. Diálogo com os princípios e diretrizes da educação em Agroecologia

Considerando o ambiente como um espaço vivo, cujos recursos indispensáveis à vida são finitos, sendo necessário o uso responsável no presente como garantia da vida para as gerações futuras, é preciso criar ações que visem mudança paradigmática da sociedade, a partir de uma leitura crítica da realidade e adoção de instrumentos metodológicos participativos. Para Gadotti (2008), o conceito de desenvolvimento sustentável, visto de forma crítica, tem um componente educativo formidável: a preservação do meio ambiente depende de uma consciência ecológica e a formação da consciência depende da educação.

Nesse sentido, a educação básica tem um papel específico a desempenhar dentro da educação para a sustentabilidade. As escolas devem funcionar como lugares de aprendizagem para o desenvolvimento sustentável e como iniciadores de polos de atividades nas suas comunidades. No Plano Internacional de Implementação da Década das Nações Unidas para a Educação para o Desenvolvimento Sustentável cita-se o que alguns pensadores assinalaram durante sua elaboração: “necessita-se uma educação transformadora: uma educação que contribua para tornar realidade as mudanças fundamentais exigidas pelos desafios da sustentabilidade (...)” (CAMPOS, 2005).

Desta maneira, e considerando ser fundamental que existam experiências que assumam sua responsabilidade socioambiental através de ações concretas, trabalhar na perspectiva de abertura de espaços de formação e participação da infância e da juventude é uma estratégia importante para o desencadeamento do protagonismo desses sujeitos nos processos de intervenção para o desenvolvimento sustentável. É importante, com isso, assumir como princípio básico que os processos de ensino sejam abordados de forma integrada, nos diferentes espaços em que se realizam, sob uma perspectiva agroecológica.

O reconhecimento, a valorização e o questionamento dialógico acerca de concepções e práticas socioambientais, constituídas pelos professores das escolas estaduais, podem potencializar e propiciar bases para a formação de cidadãos dotados de consciência planetária, como também da construção conjunta da participação da juventude na gestão de importantes questões socioambientais do município de Sete Lagoas/ MG.

Para Caporal (2003):

“A extensão é um processo de intervenção de caráter educativo e transformador, baseado em metodologias participativas que permitem o desenvolvimento de uma prática social mediante a qual os sujeitos do processo buscam a construção e a sistematização de conhecimentos que os levem a atuar conscientemente sobre a realidade, com o objetivo de alcançar um modelo de desenvolvimento socialmente equitativo e ambientalmente sustentável (...)” (CAPORAL, 2003, p. 4).

A extensão como prática de ouvir e aprender em uma relação dialógica situa alunos e professores formadores de cidadãos como sujeitos de um saber. A convivência com integrantes do Coletivo Caipora possibilita compartilhar saberes e, no cotidiano, promover apropriações mais adequadas às demandas dos mesmos. Não seria fazer uma “doação do saber”, o que seria contrário à proposta de educação humanizadora (FREIRE, 2005), mas contribuir para a produção do saber por docentes e discentes, que passam a ser vistos como sujeitos de seu próprio processo de aprendizagem.

Tal contexto do ambiente escolar é foco da ação-reflexão-ação e recriação da prática educativa. Recusando-nos à prática da “educação bancária”, buscamos, como indica Freire (2005), aprofundar a educação como prática do diálogo e desse como base do processo de humanização – “vocação ontológica” dos seres humanos. A extensão entendida como transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanicismo, difusão, invasão cultural, manipulação nega os sujeitos como sendo capazes de transformação de seu próprio mundo. “Poder-se-ia dizer que extensão não é isto, que a extensão é educativa”, afirma Freire (2014).

Tratar destas questões dentro de uma relação de poder horizontal implicou o comprometimento do Coletivo Caipora com um planejamento do trabalho e desenvolvimento participativos das ações, considerando alunas (os) e professoras (es) como sujeitos do processo e integrantes do Coletivo Caipora como mediadoras (es). Sendo assim, a educação pode ser vista como processo de exercício da cidadania, como possibilidade de articular o desenvolvimento de processos educativos apropriados às demandas de professoras (es) e alunas (os) no âmbito da realidade escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Coletivo Caipora tem como objetivo trabalhar a educação ambiental a partir dos princípios e diretrizes fundamentados para uma educação em agroecologia, e contribuir com a criação de um ambiente propício para o despertar da consciência crítica na reflexão sobre as

questões sócio-ecológicas, promovendo uma reconexão entre o ser humano e a natureza. As experiências nas duas escolas foram fundamentadas nos princípios da vida, da complexidade e nos princípios da transformação.

As diretrizes observadas foram (1) a sustentabilidade nas dimensões ecológica, econômica, social, cultural, política e ética; (2) o reconhecimento do território onde estão inseridos, considerando toda a sua complexidade e diversidade ecossistêmica e social e como espaço em disputa e conflito entre os diferentes setores socioeconômicos; (3) indissociabilidade entre extensão-ensino-pesquisa; (4) leitura crítica da realidade e adoção de instrumentos metodológicos participativos; (5) formação inicial e continuada em agroecologia para professoras (es) e alunas (os) das escolas; (6) superação da dicotomia entre teoria-prática para contribuir para conhecer-compreender e propor-agir; (7) agroecossistema concebido como ferramenta para a construção do conhecimento; (8) promoção de práticas emancipatórias, visando a autonomia e o protagonismo dos sujeitos na construção de relações sociais justas e solidárias e da consciência planetária. Todas as atividades foram transversais a todas essas diretrizes, abordando de maneira sistêmica cada princípio nas atividades elaboradas.



Fig. 1: Coletivo Caipora e alunos da Escola Estadual Governador Juscelino. Sete Lagoas, MG, 2016.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Roselane Fátima. Fazer mais com menos: gestão educacional na perspectiva da CEPAL e da UNESCO. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., Caxambu, MG. **Trabalhos e pôsteres.** Caxambu: [s.n.], 2005. Disponível em: <<http://28reuniao.anped.org.br/gt05.htm>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Bases para uma nova Ater Pública**. 2003. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/extensaorural/art4ed10.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

MATRANGOLO, Walter José Rodrigues et al. Tatu Bolinha (Artrópodo, Gênero *Armadillidium*) como ferramenta de ecoalfabetização. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 4, n. 2, p. 2729-2733, 2009.

MATRANGOLO, W. J. R. **Que tatu é esse?** Sete Lagoas: Embrapa Milho e Sorgo, 2014. 16 p.

MATRANGOLO, Walter José Rodrigues et al. **Montagem de um terrário**: ferramenta de educação ecológica. Sete Lagoas: Embrapa Milho e Sorgo, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DgZfSl4t4Xg>>. Acesso em: 08 set. 2016.